



A PRODUÇÃO TEXTUAL NO PROJETO DE EXTENSÃO "FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIAS FILOSÓFICAS E A CONSTRUÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS" - UMA EXPERIÊNCIA A MUITAS MÃOS

TEXTUAL PRODUCTION IN THE EXTENSION PROJECT "PHILOSOPHY IN FUNDAMENTAL EDUCATION: PHILOSOPHICAL EXPERIENCES AND THE CONSTRUCTION OF TEACHING MATERIALS" - AN EXPERIENCE IN MANY HANDS

Cleveron Montanarin¹

Karen Franklin da Silva²

Raquel Aline Zanini³

Resumo: Pensar o ensino de filosofia para e com crianças vai além da seleção e leitura do texto, necessita do estabelecimento de um caminho investigativo com crianças e, para isso, requer um olhar macro sobre o antes, o durante e o depois da prática, visto que tais participantes, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, requerem dos professores uma mediação constante, tanto para a leitura, quanto para a problematização e a investigação. Com esta compreensão o projeto “Filosofia no Ensino Fundamental – Experiências Filosóficas e a Construção de Materiais Didáticos”, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) propõe e desenvolve ações na construção dos materiais didáticos para este nível de ensino, através de experiências exitosas para professores e alunos. Nosso relato de experiência expõe a primeira fase do projeto que objetiva fomentar a pesquisa e a produção de materiais didáticos, bem como o desenvolvimento da metodologia para sua aplicação. A primeira fase teve três momentos: 1) pesquisa e seleção de textos filosóficos através de temáticas apropriadas à investigação e relacionadas ao cotidiano das crianças; 2) construção do argumento e das histórias adequadas ao nível de ensino (Fundamental I); 3) desenvolvimento da metodologia a ser utilizada na prática de filosofia com crianças. O fator inédito na condução do processo é a coletividade na construção do texto, através da escrita a muitas mãos e com múltiplas influências devido à heterogeneidade do grupo. Esta saga filosófica construída coletivamente fundamenta-se em

¹ Pedagogo; Mestre em Educação - linha Cultura, Escola e Processos Formativos, pela Universidade Federal do Paraná; Especialista em Inovação e Tecnologias na Educação e em Filosofia da Educação, Paraná, Brasil. E-mail: cleveron.ufpr@gmail.com

² Doutora em Filosofia. Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, da Universidade Federal do Paraná; Coordenadora do Projeto de Extensão “Filosofia no Ensino Fundamental - Experiências Filosóficas e a Construção de Materiais Didáticos”, Paraná, Brasil. E-mail: karenfranklin@ufpr.br

³ Pedagoga; Doutoranda em Educação - linha Cultura, Escola e Ensino, pela Universidade Federal do Paraná; Mestre em Educação; Especialista em Filosofia da Educação. Professora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e pedagoga do Colégio Estadual do Paraná, Brasil. E-mail: raquel.zanini@hotmail.com.

textos clássicos da filosofia e desenvolve uma metodologia criativa de trabalho que aborda processos de discussão, atividades lúdicas, potencializando a investigação comprometida com a reflexão filosófica.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Filosofia com/para crianças. Filosofia no Ensino Fundamental.

***Abstract:** Thinking about teaching philosophy to and with children goes beyond the selection and reading of the text, requires the establishment of an investigative path with children, and for this requires a macro perspective during and after practice, since such participants, especially in the initial years of elementary education, require that teachers have a constant mediation, both for reading, for problematization and for research. With this understanding, the project “Philosophy in Elementary Education - Philosophical Experiences and the Construction of Didactic Materials” from the Federal University of Paraná (UFPR) proposes and develops actions in the construction of didactic materials for this level of teaching, through successful experiences for teachers and students. Our experience report presents the first phase of the project that aims to promote the research and production of didactic materials and the methodology used for its application. The first phase had three moments: 1) research and selection of philosophical texts through themes appropriate to the investigation and related to the children's daily lives; 2) construction of the argument and the stories appropriate to the level of education (Elementary I); 3) development of the methodology to be used in the practice of philosophy with children. The unprecedented factor in conducting the process is the collectivity in the construction of the text, through writing with many hands and with multiple influences due to the heterogeneity of the group. This collectively constructed philosophical saga is based on classic philosophy texts and develops a creative work methodology that addresses discussion processes, playful activities, enhancing research committed to philosophical reflection.*

Keywords: Philosophy with/for children. Philosophy in Elementary School. Teaching Philosophy.

Introdução

Em sua obra Carta a Meneceu, o filósofo Epicuro expressava sua convicção de que todas as pessoas independentemente da idade deveriam se dedicar à filosofia, pois esse era o caminho para a felicidade. Dizia ele que “a filosofia cabia tanto ao jovem quanto ao velho” (ULLMANN, 2010, p. 19). A inspiração destas palavras potencializou convicções sobre a necessidade de se pensar sobre a filosofia em todos os níveis de ensino de forma regular. Desde a Antiguidade, mantemos o mesmo questionamento, seja na academia, nas escolas, seja na vida comum, quem deve ou quem pode se dedicar à filosofia?

O projeto de extensão “Filosofia no Ensino Fundamental - Experiências Filosóficas e a

Construção de Materiais Didáticos” dedicou-se a responder à questão de forma assertiva: a prática filosófica deve iniciar-se na infância e não se deve abandonar o hábito da reflexão durante toda a vida, como recomendava Epicuro. No Brasil, a filosofia voltou a ser obrigatória para o Ensino Médio no ano de 2007, mas não teve o mesmo estatuto para o Ensino Fundamental. Por quê? Algumas respostas não parecem muito objetivas, ora afirma-se que é coisa muito complexa para crianças, ora pela impossibilidade de formar profissionais para desenvolver tais atividades ou ainda uma mistura das duas respostas. Dessa forma, o projeto de “Filosofia no Ensino Fundamental”, da Universidade Federal do Paraná, se propõe a minimizar tais dificuldades desenvolvendo materiais propositivos.

O projeto discutiu as múltiplas possibilidades de tornar a reflexão filosófica uma atividade da escola básica de tempo integral, principalmente em contraturno, como forma de ocupar um espaço apropriado para a reflexão, à criação e à ação humana significativa. No período que as crianças e jovens passam no ensino fundamental, muitas questões são determinantes para elas e compreendemos que tratá-las de forma filosófica seria uma atividade prazerosa e estaria contribuindo para desenvolver capacidades superiores de pensamento. Nesse sentido, propomos um estatuto novo para se pensar a escola de tempo integral e a relação do pensar com crianças e jovens. Este estatuto se efetiva na proposta da inclusão da atividade de Filosofia nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A fundamentação inicial do projeto repousou sobre as teses de Matthew Lipman (1990, 1997, 2001) e seu longo trabalho na área de filosofia para crianças. Outros pensadores da área foram importantes para a compreensão do trabalho que ora buscamos desenvolver, não apenas na questão de pensar na filosofia como potencializadora de aprendizagens ou como disciplina capaz de desenvolver capacidades e competências humanas, mas também como um momento agregador de reflexão. Compreendemos que deve ser uma atividade do pensamento que seja capaz de significar o mundo da criança de forma própria e autêntica, além de ser uma atividade capaz de torná-la feliz em qualquer momento de sua vida.

Assim, Walter Kohan (2003, 2004) contribuiu com suas reflexões sobre a infância e o lugar da filosofia na infância como potencializadora do encontro com si mesmo; Gareth Matthews (2001) contribuiu com as reflexões e experiências sobre o filosofar com crianças pequenas que descobrem o conhecimento nas conexões com problemas cotidianos, buscando significar e ressignificar o que já sabem; Ann Margareth Sharp (KOHAN, 2004) contribuiu com os esclarecimentos sobre o pensamento que cuida e a comunidade de investigação, em que

crianças podem desenvolver significados cooperativamente e comprometem-se mutuamente na reconstrução autoconsciente de sua própria visão de mundo.

Do mesmo modo, as contribuições sempre vigilantes e críticas de René Trentin Silveira (2003) à apropriação irrefletida de Lipman, indicando que, em toda aproximação intelectual dessa envergadura, é importante a elucidação do processo de formação de professores em filosofia com crianças. No mesmo sentido, as contribuições de Martha Nussbaum (2014, 2015, 2015) foram fundamentais para a reflexão sobre a importância das ciências humanas na formação de cidadãos para sociedades democráticas. Sua liderança nesta reflexão nos acolheu na maneira de defender que a filosofia deve estar em todos os níveis escolares, principalmente no Ensino Fundamental.

A fundamentação teórica que sustenta o projeto indica que a experiência, de dimensão larga e compreensiva, estabeleceu, em sua dimensão totalizante, tanto a sustentação dos objetivos, como as experiências práticas na produção de material didático e o desenvolvimento de metodologias; essas objetivaram auxiliar no trabalho de professores que desejam se dedicar a iniciação filosófica com crianças. Nosso relato aqui disserta sobre o processo pelo qual o grupo extensionista passou, em 2016 e 2017, para efetivar os primeiros modelos protocolares do trabalho com crianças.

O grupo extensionista é a expressão utilizada para indicar um grande número de pessoas que fez parte dessa experiência: composto pela Coordenadora do Projeto, por bolsistas e bolsistas voluntários e por colaboradores externos à UFPR, alunas de outras instituições e professoras da rede pública de ensino de Curitiba e do estado do Paraná.

O processo inicial e seus pressupostos

A História da Filosofia é rica em textos capazes de fomentar o gosto pelo filosofar, no entanto, dificilmente podemos utilizar textos clássicos com crianças e jovens. O desenvolvimento do projeto de Filosofia no Ensino Fundamental tratou da necessidade de se compreender o contexto e a temática dos textos clássicos, afim de produzir materiais didáticos de cunho filosófico para o Ensino Fundamental. Nesse sentido, confiamos que utilizando linguagem e contextos adequados às crianças e aos jovens, é possível fomentar uma iniciação filosófica autêntica e comprometida.

O processo de construção dessa experiência partiu de questões que interessam às

crianças e que permeiam seu cotidiano. A intenção sempre foi impulsionar a reflexão filosófica, desse modo, houve aqui também um “esforço sugestivo por colocar, desenvolver e expressar ideias filosóficas mediante o uso de formas de narração literária” (PINEDA, 2004, p. 84). Nessa mesma perspectiva, Martha Nussbaum (2014) nos assegura que no desenvolvimento das capacidades humanas a via da imaginação é um aspecto que fornece ao humano a possibilidade de tornar-se empático, de colocar-se na posição do outro, de vivenciar e de sentir o que o outro sente. Assim:

A imaginação narrativa cultiva-se, acima de tudo, através da literatura e das artes. A confiança depositada nas artes foi um aspecto mais revolucionário das propostas de Tagore e Dewey. Ambos utilizaram o teatro, a dança e a literatura com o objetivo de cultivar a imaginação. A imaginação permite ter uma percepção profunda da experiência de outra pessoa que, de outra forma, é muito difícil alcançar na vida cotidiana. (NUSSBAUM, 2014, p. 81)

Todos, no decorrer de sua vida, entraram em contato com diferentes construções textuais, com diferentes experiências de mundo, sobretudo, quando crianças. O que pensamos ser importante desenvolver foi a capacidade da experiência filosófica que permite adentrar à diferentes compreensões de mundo, permitindo que crianças percebam o quanto são plurais as vivências ao seu redor. Como assinala Pineda (2004, p. 74), ela deve estar “encarnada primeiro na forma de aforismos, poesia, diálogos e drama”, como “assunto eminentemente público” inicialmente, e depois ser tratada por todos e em qualquer lugar. A arte e a literatura permitem essa aproximação, pois ela permite que a ludicidade abra os caminhos da imaginação.

Como aponta Nussbaum (2015, p. 28) “frequentar a literatura modela a imaginação e os desejos de modo que pode subverter a racionalidade e a ciência, ou seja, muitas vezes pode tornar-se perigoso sob o ponto de vista do controle”. Sob esse ponto de vista, compreendeu-se que os objetivos de uma educação reflexiva devem incluir a não rendição aos controles de pensamento e de reprodução de comportamentos. O que buscamos desenvolver foram oportunidades de serem independentes, críticos, inovadores e seguros, reconhecendo que, para tal é preciso oferecer uma educação que envolva meios imaginativos e criativos. Sendo assim, pensamos que a literatura deve promover essa aproximação com os outros em uma experimentação de múltiplas vivências e diferenças.

Neste grupo extensionista, a opção literária voltada às crianças se fez por meio do fantástico, que se “caracteriza pelo aspecto da imaginação que soa estranho e exótico, pois nas narrativas há um ‘quê’ de irreal”, tal como coloca Fortuna (2002, p. 213). Em alguns momentos,

propõe-se um “exagero do imaginar” que tem por objetivo fazer os leitores transitarem pelo espaço-tempo trazendo à tona reflexões que permeiam seu cotidiano. Aqui, propomos o deslocamento da realidade concreta nas viagens que a *nau* faz em diferentes momentos e lugares da história.

Norteados pela consideração de que a iniciação filosófica depende de uma exitosa experiência inicial que pode ocorrer pela ação dos professores, mas que também depende da qualidade do material didático que estes apresentam aos alunos, o intento foi desenvolver através de pesquisa, seleção, produção textual e metodológica materiais auxiliares a essa efetiva iniciação filosófica no Ensino Fundamental. A atualização temática de conteúdo a partir de textos clássicos se mostrou fundamental na manutenção da qualidade do trabalho, pois o desenvolvimento de uma discussão metodologicamente estruturada e articulada nos pareceu adequada para avançar nas diferentes fases escolares.

Na investigação filosófica, procuramos sempre a adequação e a pertinência das questões, bem como soluções capazes de expressar valores universais. Para isso, foram necessários aportes que compreendem uma metodologia e um modo de colocar-se diante do mundo. Nesse sentido, o projeto Filosofia no Ensino Fundamental da UFPR buscou desenvolver nos componentes do grupo extensionista capacidades criativas, tanto nos alunos e alunas da Universidade como nas professoras da rede pública de ensino, que são parceiras na prática filosófica com crianças, e as próprias crianças. A experiência mútua de criação e experimentação, a partir de textos clássicos da filosofia, potencializou e capacitou professores e alunos em formação que, por meio destas experiências buscaram alternativas metodológicas para as histórias.

O grupo extensionista de criação do material didático, que se caracteriza pela mudança de seus membros em busca de novos olhares, também busca sempre novas metodologias para a iniciação filosófica no Ensino Fundamental, de modo a estruturar contextos interdisciplinares e criativos para contagiar o ambiente escolar de forma positiva. Nesse sentido, o intento final é que a atividade filosófica possa tornar-se em si um foco de transformação escolar, com experiências exitosas para todos. A capacitação desde o início do processo de ensino e aprendizagem buscou qualificar profissionais da educação na condução criteriosa e filosófica do diálogo com crianças. Buscamos significar os conteúdos curriculares regulares através do diálogo e avaliação, construídos a partir de um único ambiente: a escola. Para isso, o projeto fomentou e incentivou o pensamento crítico e rigoroso, típico da filosofia, tanto nos professores

quanto nos alunos e alunas dos diversos níveis do ensino.

O motivador geral das questões filosóficas é o cotidiano mediado pelo texto clássico, transposto através de histórias especialmente criadas para acompanhar e despertar as crianças para o conhecimento, foi apresentado através de questões éticas, estéticas, metafísicas, lógicas ou científicas. As relações com o cotidiano foram evidenciadas, pois apesar de não buscarmos uma utilidade para a filosofia, nos propomos a deixar claro que suas questões emergem de uma necessidade humana e cotidiana. Portanto, nesta primeira fase o trabalho esteve voltado à pesquisa e seleção de temas capazes de interessar as crianças a partir de questões cotidianas. Quais são as questões mais prementes que podemos discutir com crianças na escola? Que temáticas as interessam? Quais assuntos podem ser abordados de forma interessante?

A partir destas questões norteadoras a experiência de construção de textos se iniciou no projeto de extensão Filosofia no Ensino Fundamental - Experiências Filosóficas e a Construção de Materiais Didáticos. Dessa forma, esse relato expressa as ocorrências da primeira fase do projeto compreendendo a seleção bibliográfica dos textos clássicos, a construção da história central e seus primeiros episódios, a forma como a metodologia foi elaborada e desenvolvida e às experiências produzidas no interior do projeto.

A construção de uma metodologia de escrita

O projeto iniciou com a seleção temática e bibliográfica, assim, optamos por iniciar as discussões e construção de temáticas relativas ao Ensino Fundamental I através da aproximação e relação com os clássicos da Antiguidade, como forma de corresponder a conceitos mais simples e dicotômicos. Esta opção teórica foi corroborada pela possibilidade de crianças menores argumentarem de forma mais simples e sintética, que podem aproximar-se de concepções filosóficas da Antiguidade, seja sob o ponto de vista científico, físico ou ético

As deliberações definiram os autores Platão, Aristóteles e Agostinho como os primeiros a serem abordados na temática ética, bem como seus conceitos correlatos, felicidade, amizade e justiça. Os textos escolhidos foram: o diálogo *Fédon* de Platão, que depois necessitou da incorporação do diálogo *Lísis*, o texto *Ética a Nicômaco* de Aristóteles e *Confissões* de Agostinho de Hipona, obras lidas em português, a partir da coleção *Os Pensadores* da Editora Abril Cultural.

Como afirma Mario Osório Marques em *Escrever é Preciso* (2006, p. 30), “o processo

do escrever a história filosófica ou o argumento central foi apenas o começo. Se no início o processo foi um desafio, depois foi aventura”. Como bem esclarece, é a teoria que ilumina e conduz a prática, porém muitas vezes é a própria prática que interfere na situação apresentada. Nesse sentido, apresentamos nesse relato como foi a construção do texto original da saga, sempre pensando nos interlocutores finais, porém cientes de que seriam constantemente reformulados durante a caminhada. Nossa aventura iniciou nesse momento de apropriação dos textos e se manteve durante todo o processo de construção coletiva.

O procedimento de discussão dos primeiros textos de Platão, Aristóteles e Agostinho, levou à perspectiva teórica das primeiras temáticas, seguidas da transposição linguística necessária para permitir uma leitura e compreensão das crianças. Por isso, o primeiro tema escolhido foi a Ética e teve a abordagem dos três filósofos mencionados acima, mas com as devidas transposições livres para o argumento central da história filosófica.

A escrita é considerada, muitas vezes, um processo subjetivo, cujo escrevente precisa despir-se de máscaras sociais, tarefa por vezes difícil em ambientes em que seu uso costuma ser pré-condição para o sucesso (RIOLFI; MAGALHÃES, 2008). Na universidade não é diferente, escrever academicamente exige esmero e dedicação em uma certa direção. Escrever para a escola exigiu dedicação e esmero em outra direção, uma direção de retorno ao que é essencial. Rompemos com o escrever solitário, tornamos o procedimento coletivo, através do diálogo e da escrita a muitas mãos.

Primeiro, foram os procedimentos decisórios sobre os conceitos Ética, Felicidade, Amizade e Justiça, depois a forma como deveriam chegar aos nossos leitores. Posteriormente, estabeleceu-se o argumento central da saga:

Um grupo de crianças acorda misteriosamente no porão de um navio. Para surpresa de todos, poucos se conhecem e são muito diferentes uns dos outros. Uma maravilhosa aventura se inicia por esse ambiente desconhecido e intrigante. As crianças são desafiadas a todo o momento a buscar soluções para as situações que as cercam e os questionamentos surgem naturalmente: o que é filosofia? Como podemos conhecer o mundo? Como fazer sempre as escolhas certas? As aventuras filosóficas começam no interior do navio e se deslocam para mundos distantes e inusitados. Os personagens, todas crianças, chegam em diferentes portos, nem tempo nem espaço os impedem de viverem suas aventuras. Entre os muitos mistérios, um deve ser desvendado: como as viagens acontecem? (PROJETO FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL, 2018, n. p.)

A partir deste argumento central, os episódios de cada temática foram planejados, mas efetivamente apenas três de ética produzidos até a elaboração deste artigo. Houve a necessidade

de os primeiros episódios serem introdutórios à própria metodologia filosófica, de modo que os personagens tinham que elaborar conceitos e compreensões para seguir adiante. A temática ética demandou uma experimentação da transposição dos conceitos aristotélicos, de *justa-medida* e *deliberação* para um ambiente divertido e instigante, ao mesmo tempo que problematizamos as concepções de conhecimento na perspectiva temporal. Tudo que aprendemos na escola é verdadeiro? Sempre foi assim? A interpretação da diferença entre os universos de Ptolomeu e de Galileu aparecem na discussão da saga filosófica, problematizando a temporalidade do conhecimento, os pontos de vista e os descobrimentos cumulativos. Paralelamente desenvolveu-se atividades práticas para serem trabalhadas através de jogos e brincadeiras, metodologias especialmente construídas para serem aplicadas pelas professoras das escolas públicas parceiras.

O trabalho coletivo demandou um esforço de compreensão do olhar do outro sobre a história, que foi previamente criada e discutida. A redação que é singular em um primeiro momento, passou a ser coletiva no momento que sofreu modificações e transformações de outros membros do grupo extensionista. Através do gênero fantástico na construção literária, pudemos transpor aquilo que foi muito criticado na literatura lipmaniana: “os moralismos e a desconexão com a realidade” (SILVEIRA, 2003, p. 71-72), pois com uma narrativa fantástica foi possível alçar os personagens para outro lugar, colocando-os em contato com diferentes realidades históricas e culturais. Essa abordagem nos auxiliou a propor um contraponto com algumas situações que permeiam o cotidiano das crianças reais, nossos leitores, e com as problematizações e as dificuldades que as envolvem.

A partir dos escritos de Martha Nussbaum, em especial *Sem fins lucrativos* (2015), no qual trata sobre a sensibilização através da literatura, na qual as pessoas podem compreender como é estar na situação do outro diferente de nós, buscamos desenvolver situações para sensibilizar e problematizar as discussões. Segundo Nussbaum (2015, p. 95), “as crianças nascem com uma capacidade rudimentar de compaixão e de preocupação com os outros”, por isso é preciso que o processo educativo viabilize isso mediante atividades coerentes e provocativas.

A iniciação filosófica pode ser uma forma de sensibilização e o projeto de *Filosofia no Ensino Fundamental* confia nessa perspectiva, porque como bem indica Nussbaum (2015, p. 96) “aprender a perceber outro humano não como um objeto, mas como uma pessoa completa, não é automático, mas uma conquista que exige a conquista de muitos obstáculos”.

Adotamos uma primeira perspectiva do conceito de filosofia como “pensar sobre o nosso pensamento enquanto ele está pensando” (PINEDA, 2004, p. 84) na construção literária de nossa narrativa, buscamos assim, fomentar o processo de reflexão filosófica, porém não de forma sistemática e hermética, mas através de problematizações filosóficas com outros conceitos complementares de filosofia. A perspectiva lúdica sempre esteve articulada para envolver as crianças e, quando criamos nossa história, paralelamente criamos a metodologia de trabalho, para que as professoras das escolas parceiras pudessem explorar ao máximo, fomentando as capacidades de imaginação das crianças envolvidas com essa experiência de iniciação filosófica.

A construção narrativa se deu através da criação de “estereótipos filosóficos” que há muito povoam a filosofia e, como muitos personagens literários, os nossos também, segundo Pineda (2004, p. 85) “se transformam em paradigmas de uma determinada concepção do mundo e do valor da vida humana”. No entanto, eles não são fixos, tais paradigmas aparecem no tratamento da questão e fazem parte da personalidade dos personagens apenas na medida da expressão coerente.

Mathew Lipman (1990) foi o pioneiro nesta criação intencionalmente filosófica e voltada para as crianças, com suas novelas filosóficas buscou traçar este percurso “dando a mão” para os pequenos, sendo que seus personagens, que problematizam, investigam e dialogam, são sempre crianças, dispostas à reflexão e à investigação. Inspirados nesta mesma concepção de criação textual voltada às crianças e aos jovens, o grupo extensionista se lançou ao desafio de criar um contexto instigante e problemático aos olhos da infância. Traçamos caminhos e embarcamos na Nau, nossa imaginação literalmente desbravou o espaço e o tempo, viajou e conheceu a humanidade em suas diferentes épocas, matizes e hábitos. A narrativa com um quêde irreal, fantástico e inusitado possibilitou que víssemos as crianças da primeira escola que partilhamos a leitura⁴ se envolvendo no processo criativo e se dispondo a pensar e produzir filosofia. Nessa experiência, pudemos aproximar as crianças da reflexão e da problematização filosófica através do contato com diferentes “pessoas” e realidades, nesta viagem misteriosa e atemporal que a saga filosófica proporcionou.

No trabalho coletivo de escrita, somos defrontados a todo instante com as várias constituições subjetivas e objetivas dos membros do grupo extensionista, devido a nossa

⁴ A primeira experimentação da história com crianças ocorreu no ano de 2017, com uma turma de contraturno de uma escola municipal de Curitiba-PR.

heterogeneidade, muitas foram as contribuições e referências. Segundo Bakhtin:

[...] a palavra é o constituinte dialógico existente tanto entre o emissor como aquele que é exposto a esta. A representação dada ao objeto descrito pela palavra ou mais profundamente pelo texto constituir-se-á de inúmeros conceitos históricos, sociais e emocionais a que é submetido o sujeito ao longo de sua trajetória de vida. (BAKHTIN, 1997, p. 35-36)

Sendo assim, a tarefa de entrelaçar diferentes modos de ver o mundo tornou-se desafiador no processo de construção coletiva do texto, seja durante os encontros presenciais, seja na correção por outros membros do grupo aos textos do projeto de “Filosofia no Ensino Fundamental”.

Toda obra escrita carrega em si mesma um propósito que muitas vezes foge ao controle do autor, mesmo que exista uma intencionalidade no traçado das linhas. Tanto o autor como o leitor possuem uma história de vida, uma bagagem cultural e um sistema cognitivo único. Pensemos no homem como único animal capaz de elaborar um conjunto de signos para representar um objeto ausente ou presente, utilizando-se para isso de uma forma de linguagem. Esta linguagem deve ser ensinada e quanto mais recursos forem oferecidos para este fim melhor será a aquisição de capital cultural por parte daqueles que a eles forem expostos (BOURDIEU, 2013, p. 147).

O processo pelo qual a escrita coletiva passou evidenciou alguns aspectos da bagagem cultural de seus membros, pois a diferença de idade, formação e experiências foram aspectos interessantes nas discussões. A complexidade inicial passou por níveis de experimentação à medida que os textos iam sendo produzidos, pois dos primeiros aos últimos pode-se ver a delimitação dos personagens, a mistura de estilos narrativos, as influências imaginativas de partida, que foram fundamentais para a mediação do processo da escrita.

O comprometimento do grupo extensionista com o processo criativo coletivo sempre contagiou os novos participantes, que foram decisivos para a iniciação e elaboração das ilustrações. Sabemos que é necessário que os estudantes recebam condições e estímulos adequados para que possam se tornar cidadãos democráticos, críticos e participativos. Desta maneira, buscamos criar histórias ao longo dessa fase do projeto para que pudessem ser pretextos para que se instalassem na escola a oportunidade de diálogo e a construção de conceitos filosóficos significativos para a condução da vida das crianças e jovens.

Assim, este relato de experiência buscou expor modo como todos os envolvidos no

projeto, sejam os criadores, os professores e as crianças, foram convidados a navegar em significados através de viagens divertidas, criativas, dinâmicas e misteriosas em meio a História da Filosofia. Paralelamente à construção da história a muitas mãos, desenvolvemos a metodologia de trabalho dos episódios. Essa metodologia de trabalho foi experimentada brevemente com as crianças da escola pública, que denotou a necessidade futura de desenvolver um trabalho mais sistemático e permanente de formação continuada de professores das escolas parceiras, assim como uma reformulação curricular da própria formação pedagógica.

Considerações finais

Nosso relato de experiência teve o objetivo de informar como a primeira fase do projeto “Filosofia no Ensino Fundamental” que visava construir materiais didáticos para a iniciação filosófica no Ensino Fundamental se concretizou. Tal material se constitui em uma saga filosófica central, intitulada *Uma viagem pela Filosofia*, desenvolvida em 4 livros temáticos e que tem em seus episódios sequenciais um guia para que crianças reais possam acompanhar as experiências dos personagens e seus dilemas filosóficos.

A experiência de escrita a muitas mãos teve êxito nos primeiros episódios pela heterogeneidade e pelo comprometimento do grupo extensionista, que centralizou esforços em sua própria capacitação e desenvolvimento filosófico. O experimento de construção textual coletiva, com avaliação e reavaliação por outros membros do grupo pareceu interessante e instigante. Em um primeiro momento da redação e correção, pareceu descaracterizar a escrita do autor individual, porém depois se converteu em texto de muitos olhares, mãos e perspectivas, que, conseqüentemente, proporcionou melhores e mais significativas possibilidades de acertarmos o alvo das questões filosóficas. Ficou evidente que a formação dos participantes do grupo extensionista, neste processo, foi contínuo e profícuo, pois com o trabalho conjunto e um único objetivo, a textualidade se ajustou no texto e no estilo literário dos autores.

Outra preocupação que envolveu o grupo foi a linguagem filosófica, pois mesmo com a transposição linguística muitos estilos ficam estigmatizados pela escrita acadêmica, para corrigir essa questão, foram necessários outros olhares corretores. Múltiplos olhares e referências são necessários para que o texto seja adequado ao nível escolar que objetivamos. Desse modo, o desenvolvimento textual com diferentes referenciais teóricos expressos na heterogeneidade etária e formativa do grupo pareceu uma grande riqueza.

Se a ludicidade foi o foco principal de nossa proposta de iniciação filosófica através do desenvolvimento textual a muitas mãos, chegamos a conclusão de que é preciso investir na criatividade na formação de professores para que possam, no futuro, serem produtores autônomos e coletivos de materiais voltados à escola. Temos a convicção de que, dessa forma, o trabalho pedagógico e a cidadania estarão assertivamente sendo conduzidos por bons caminhos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. de Reynaldo Bairão. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- FORTUNA, Marlene. **A obra de arte além da sua aparência**. São Paulo: Annablume, 2002.
- FRANKLIN, Karen. **Filosofia no ensino fundamental**. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- KOHAN, Walter O. **Infância**. Entre a Educação e a Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, Walter O. (org.). **Lugares da infância**: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1997.
- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, Matthew. **Pensar na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2006.
- MATTHEWS, Gareth B. **A Filosofia e a criança**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NUSSBAUM, Martha C. **Educação e Justiça Global**. Trad. Graça Lami. Portugal: Edições Pedago, 2014.
- NUSSBAUM, Martha C. **L'Art d'être juste**. Paris: Climats; Flamarion, 2015.
- NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos**. Por que a democracia precisa das

humanidades. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PINEDA, Diego Antorio. Literatura e Educação Filosófica. *In*: KOHAN, Walter O. (org.). **Lugares da infância**: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RIOLFI, Claudia Rosa; MAGALHAES, Mical de Melo Marcelino. Modalizações nas posições subjetivas durante o ato de escrever. **Estilos da Clínica**, v. XIII, n. 24, p. 98-121, 2018.

SILVEIRA, René J. T. **Matthew Lipman e a filosofia para crianças** – três polêmicas, Campinas: Autores Associados, 2003.

ULLMANN, Reinholdo A. **Epicuro** – o filósofo da alegria. 4. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCS, 2010.

Recebido em: 28 de junho de 2018.
Aceito em: 22 de setembro de 2020.